

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
AMBIENTE E USOS DO TERRITÓRIO

**A Importância dos Percursos Pedestres na Dinamização do Turismo Rural no
Concelho de Vieira do Minho: exemplo do Percurso “Moinhos do Ave”**

Marta Matos;
Clara Afonso;
Paulo Pereira

Licenciados em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho

I. Introdução

1. A importância do pedestrianismo para o Turismo em Espaço Rural

Considerando várias escalas espaciais, *o turismo assume-se como importante gerador de riqueza, como fenómeno capaz de contribuir para o desenvolvimento de economias deprimidas, nomeadamente através do aproveitamento de recursos endógenos* (Cravidão e Cunha, 1993).

No nosso país, não há dúvidas de que o turismo balnear é aquele que movimenta um maior número de turista, assim como um maior volume de capital. No entanto, tem-se assistido nos últimos tempos a uma crescente diversificação no que diz respeito às diferentes ofertas turísticas. Assim, apesar do turismo balnear continuar a ser aquele que move maiores quantitativos de gente, outras práticas turísticas começam a dar mostras da sua importância, em que temos como exemplo o turismo rural (Cravidão e Cunha, 1993).

São inegáveis os benefícios do turismo rural a nível demográfico e cultural, já que possibilitam a fixação da população mais jovem pela criação de novos empregos, e permitem o desenvolvimento numa perspectiva de preservação do património local, em que se incluem a criação de infra-estruturas de animação (Cunha, 1995). Muitas vezes, para além do turismo se apresentar como um ávido consumidor do espaço rural, constitui uma das suas oportunidades de sobrevivência (Soneiro, 1991).

Segundo Umbelino (1997) [...] *os turistas presentes em espaço rural requerem níveis de animação muito superiores aos que se praticam noutros ambientes*. Por isso, uma forma de fixar os turistas durante mais tempos nos espaços rurais é através do aumento e diversificação da oferta, o que poderá traduzir-se em melhorias no campo económico nas áreas em que se desenvolvem estas práticas turísticas.

Assim, algumas áreas do nosso país [...] têm vindo também a ser procuradas se não para actividades turísticas convencionais, para outras actividades de lazer ligadas a vários e novos tipos de actividades desportivas [...] em que se busca a satisfação do espírito de aventura, o contacto com a natureza, a fruição dos grandes espaços [...] (Cravidão e Cunha, 1993).

No seio de novas formas de ocupação dos tempos livres, surgem necessidades onde estão presentes a aventura e o risco (Cunha e Cravidão, 1997). São actividades que decorrem da necessidade de criar rupturas com a vida quotidiana na ocupação de tempos livres, e que geralmente se desenvolvem, em termos espaciais, longe das áreas consideradas desenvolvidas, explorando o contacto directo com a natureza (Cunha e Cravidão, 1997). se por um lado podem pôr em questão o frágil equilíbrio destas áreas em termos ambientais, podem também constituir um meio de promoção de áreas deprimidas, contribuindo para o desenvolvimento local (Cunha e Cravidão, 1997).

O pedestrianismo surge neste contexto, em que para além de se tratar de uma actividade desportiva, pode constituir um bom complemento no desenvolvimento das diversas modalidades de oferta de turismo em espaço rural, tornando-a mais complexa e diversificada, o que permite a retenção dos turistas por maiores períodos de tempo.

Além disso, há que considerar, segundo Oliveira (2000), que [...] os percursos pedestres sinalizados constituem ferramentas úteis para a conservação do património, no entanto para que assumam essa finalidade necessitam obrigatoriamente de planeamento, ordenamento e de controlo. Se for atendida a capacidade de carga do meio, e se o seu desenvolvimento se processar de uma forma ordenada e equilibrada, não causará grandes impactes ambientais.

Benefícios quer para as populações urbanas, como usuárias destas infra-estruturas, assim como para as populações rurais, beneficiárias do que o desenvolvimento destas actividades pode vir a potenciar ao nível do desenvolvimento rural, os percursos pedestres devem ser encarados, e atendendo sobretudo o nosso caso de estudo, como uma infra-estrutura de apoio ao desenvolvimento da actividade turística em espaço rural, que contribui para a promoção e animação local, ao mesmo tempo que pode constituir um meio de preservação de um importante património natural e humano.

2. Localização e situação actual

O percurso “Moinhos do Ave” situa-se entre as aldeias de Agra e Lamedo, da freguesia de Rossas, na parte sul do concelho de Vieira do Minho, distrito de Braga (figura 1). Este percurso localiza-se na vertente SW da Serra da Cabreira e tem como altitudes máximas e mínimas 650 metros e 450 metros respectivamente. Tal como o nome indica, este desenvolve-se ao longo do rio Ave, a cerca de 5 Km a SW das suas cabeceiras.

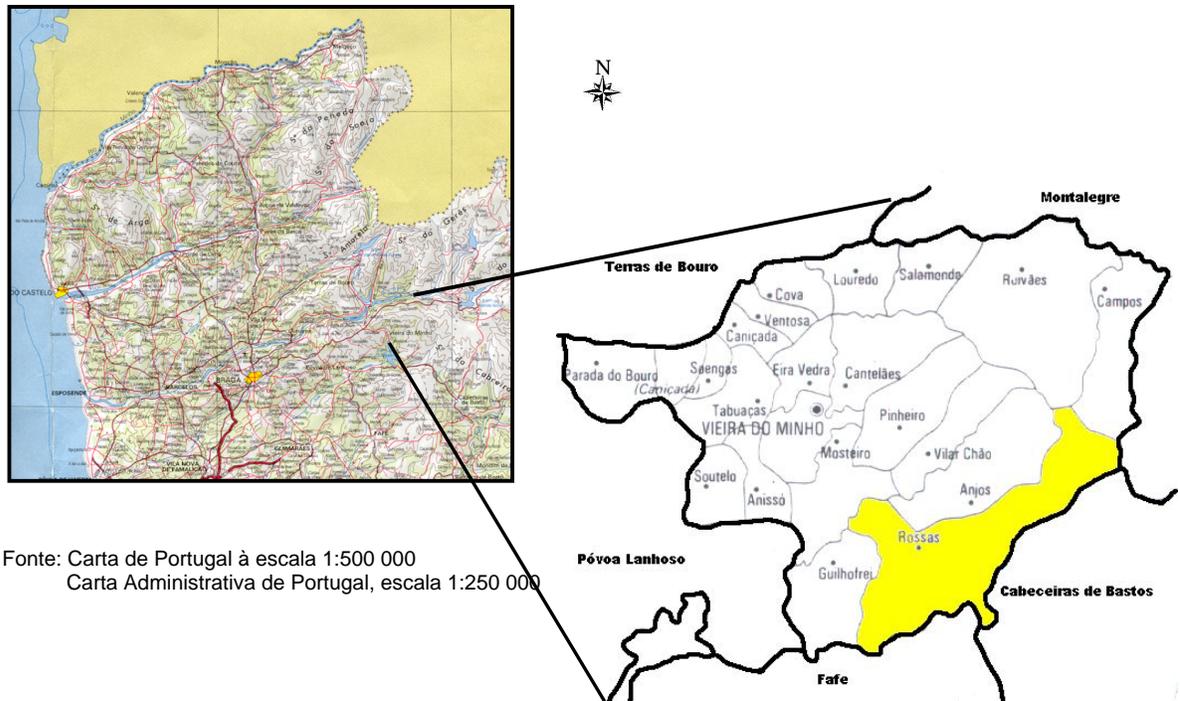


Figura 1 - Localização da área de estudo

Este percurso foi criado muito recentemente pela Brancelhe, cooperativa de turismo do concelho de Vieira do Minho, com os apoios da Câmara Municipal e da ATACHA (Associação para o Desenvolvimento das Terras Altas do Cávado, Homem e Ave), assim como de fundos comunitários, ao abrigo do programa LEADER.

Actualmente, existem alguns problemas com a manutenção do próprio trilho, como pudemos comprovar no trabalho de campo. Sendo assim, pretendemos apresentar uma proposta de requalificação deste percurso pedestre em forma de algumas propostas que nos parecem coerentes e necessárias, e que vem colmatar

alguns dos problemas que se registam actualmente, potencializando os aspectos positivos.

3. Metodologia

Em termos metodológicos o trabalho incidiu sobre duas vertentes fundamentais: o trabalho de gabinete e o trabalho de campo.

A nível de trabalho de gabinete, há a salientar a elaboração de cartas temáticas que nos permitiram efectuar a caracterização da área. Procedemos também à recolha de informação acerca do local, recorrendo a bibliografia e informação disponível na Internet.

Ao nível do trabalho de campo, para além do próprio reconhecimento da área, que nos permitiu a elaboração de cartografia de pormenor, à escala 1/10 000, procedemos à avaliação do próprio percurso em termos qualitativos, através de um grupo que deslocamos ao local, ao qual foram colocadas questões que vão ao encontro do que pretendemos aferir.

II. Caracterização da área de estudo

Para se proceder tanto a uma proposta de requalificação de um percurso, é fundamental ter-se um bom conhecimento dos elementos que dele fazem parte. Assim foram vários os elementos a ter em conta, tais como, hipsometria, declives, exposição de vertentes, hidrografia e aspectos histórico-culturais.

Como fonte cartográfica utilizamos, para a componente física, a Carta Militar de Portugal à escala 1:25000, folha nº58 (Salto).

1. Hipsometria

De uma forma geral a altitude vai aumentando de SE para NW, predominando as altitudes entre 600 e 700 metros.

A forma geral do relevo deve-se à presença do rio Ave, que tem as suas cabeceiras a cerca de 5 Km da área de estudo. A altitude máxima que se pode encontrar é de 741 metros, localizando-se na parte Norte, perto das Cerdeirinhas. Por sua vez, a altitude mínima é de 444 metros, localizando-se a SW da aldeia de Lamedo.

Relativamente ao percurso, este segue a evolução da área de estudo, isto é, aumenta desde a aldeia de Lamedo (que se encontra entre os 400 e 450 metros) até à aldeia de Agra (que se encontra entre 650 e 700 metros de altitude).

2. Declives

Verifica-se o predomínio dos declives superiores a 32% que corresponde ao encaixe do rio Ave. Os declives mais baixos encontram-se, na sua maioria, na parte W e SE da área de estudo, correspondendo a topos, rechãs e alguns sectores de cursos de água.

No que diz respeito ao percurso, não encontramos declives elevados, mas quando o trilho se desenvolve fora do rio, o declive aumenta consideravelmente, encontrando-se a maior parte da área nos declives superiores a 32%.

3. Exposição de vertentes

Este elemento geomorfológico é muito importante principalmente na estação do Inverno, uma vez que as vertentes expostas ao quadrante Norte são mais propícias à formação e permanência de geadas, constituindo, deste modo, um eventual condicionante à prática de determinadas actividades desportivas.

Regista-se um predomínio das vertentes expostas a S, SW e SE, embora sejam as vertentes expostas a W que têm uma maior expressão. Isto está relacionado com o facto da área de estudo se localizar na vertente SW da Serra da Cabreira.

Relativamente ao percurso, como a maior parte é realizado ao longo do rio Ave, estamos rodeados de vertentes comas diversas exposições. Na parte inicial encontramos vertentes expostas a S até junto da ponte da Candosa. Depois entramos nas vertentes expostas a NE para na parte final estarmos expostos a NW.

4. Hidrografia

O principal curso de água existente na área é o rio Ave que tem as suas cabeceiras a cerca de 5 Km NE da área de estudo. O segundo curso de água principal (Ribeira da Talhada), encontra-se na parte SE e tem uma direcção NNE-SSW, constituindo um afluente do rio Tâmega.

5. Aspectos histórico-culturais

Relativamente a estes aspectos, existem alguns pontos de grande interesse, tanto durante o percurso como na própria área de estudo, nomeadamente as aldeias de Lamedo, Agra e Anjos, os moinhos ao longo do rio Ave e as pontes romanas de Lamedo e Parada

III - Descrição do percurso “Moinhos do Ave”

O percurso tem uma distância de cerca de 4 Km, entre as aldeias de Agra e Lamedo, da freguesia de Rossas, concelho de Vieira do Minho. Correspondendo à subida do rio Ave entre essas aldeias, trata-se de um trilho com um declive quase sempre ascendente, à excepção de alguns pequenos troços onde esse é descendente, normalmente associados à passagem para a margem contrário do rio. Ao fazer-se o percurso, repara-se que as maiores dificuldades a esse nível se encontram na parte inicial, até ao final da subida das quedas de água da Candosa, e também na parte final, já nas proximidades da aldeia de Agra.

Assim sendo, a parte intermédia do percurso corresponde aquela mais regular, em termos de declive longitudinal (figura 2) com efeito, verifica-se mesmo que a esse troço mais regular do trilho se associa o perfil longitudinal mais regularizado do rio Ave.

A descrição deste percurso assume 4 fases principais correspondendo aos 4 quilómetros do trilho.

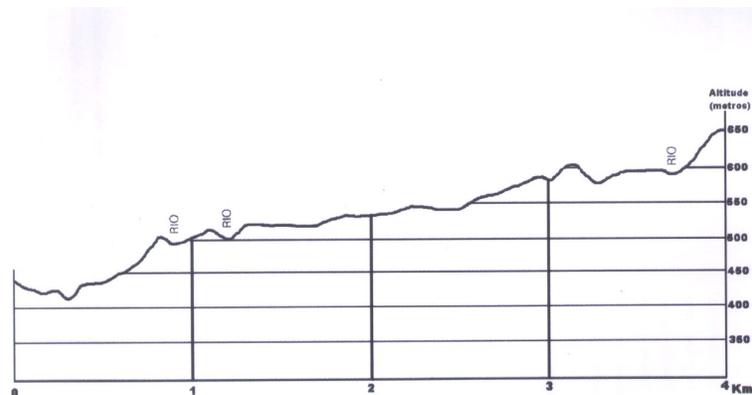


Figura 2 - Perfil longitudinal do percurso “Moinhos do Ave”

Deste modo, no primeiro quilómetro, que vai até ligeiramente depois da passagem sobre pedras alinhadas para a margem esquerda do rio, podemos

encontrar aqueles que consideramos serem os elementos com maior interesse, nomeadamente a maior parte dos moinhos (9 dos 16 da totalidade do percurso), a ponte romana de Lamedo e essencialmente a bela paisagem provocada pelas quedas de água da Candosa.

O segundo e o terceiro quilómetros do percurso assumem-se como os menos interessantes ao nível de aspectos naturais ou culturais com interesse. No entanto, a partir do trilho, pode contemplar-se vários aspectos da paisagem envolvente, como a geologia, relevo, vegetação e o próprio trilho.

No quarto e último quilómetro do percurso, podem ver-se mais 6 moinhos, sendo um deles, a nosso ver, como o mais interessante de todos os do percurso, tendo em conta a sua arquitectura peculiar e o seu excelente estado de conservação. Na parte final do percurso faz-se uma subida muito íngreme até à aldeia de Agra.

Concluindo, pode dizer-se que é nos troços mais irregulares do trilho onde se localizam os seus aspectos mais interessantes (correspondendo a parte intermédia do percurso à área de menor interesse). De qualquer modo, em termos paisagísticos, são vários os pontos com interesse ao longo do percurso, quer seja ao nível natural, quer seja ao nível cultural.

IV. Balanço dos problemas e das potencialidades do percurso

Dado que a avaliação do percurso tem um carácter subjectivo, uma vez que entra em consideração com a percepção individual de quem a estiver a fazer tal avaliação, levamos para o campo um pequeno grupo de trabalho, ao qual foi apresentado um pequeno questionário. De seguida iremos expor as principais conclusões retiradas desse questionário.

Dos elementos de maior importância que foram referidos, relativamente à passagem pelo percurso, sem dúvida que é atribuído um importante preponderante à presença do rio, já que grande parte dos elementos mencionados se encontram relacionados com a água. Os moinhos, distribuídos ao longo de todo o percurso, foram o aspecto mais indicado, se bem que não foi esquecida a cascata da Candosa ou a passagem em pedras sobre o rio Ave. Dos outros aspectos mencionados interessa fazer referência à importância que foi atribuída ao conjunto montanhoso, assim como à ponte romana de Lamedo.

Como pontos fortes do percurso, foram apontados em primeiro lugar a paisagem, seguindo-se a proximidade do rio ao longo de todo o percurso. Foi referida

a importância histórica e cultural, assim como a proximidade de duas aldeias de características muito peculiares, também de elevado valor cultural (Agra e Lamedo). Sem dúvida que a proximidade da aldeia de Agra constitui um dos fortes atractivos. Por outro lado, o facto de se tratar de um percurso de curta duração, pode ser também bastante positivo, uma vez que não implica uma grande disponibilidade de tempo para o realizar.

Se foram apontados bastantes aspectos positivos em relação ao percurso, sendo o seu valor indiscutível, este apresenta também algumas fragilidades.

Um dos principais problemas apontados foi o facto de se tratar de um percurso não circular, uma vez que tem início na aldeia de Lamedo e termina na aldeia de Agra. Sendo assim, quem pretender percorrer o percurso tem de se deslocar até Lamedo, terminando o percurso em Agra. No entanto, ao chegar a Agra, não existe um caminho alternativo para regressar a Lamedo, pelo que o percurso terá de ser novamente efectuado em sentido inverso, de montante para jusante do rio Ave.

Quanto à sinalização, foram verificados também alguns problemas. Estamos em crer que a sinalização actual, apesar da sua indubitável utilidade para quem pretender realizar o percurso, possui algumas carências. O primeiro aspecto a apontar prende-se com as próprias características das marcas, sobretudo no que diz respeito à cor. Pela sua tonalidade, muito semelhante à da vegetação que a rodeia, pode passar despercebida pelos pedestrianistas menos atentos. Em segundo lugar, é o próprio estado em que se encontra tal sinalização. Podem encontrar-se ao longo do percurso placas que indicariam a seguir. Já em estado de degradação.

Outro problema que foi apontado diz respeito ao estado geral de conservação em que o trilho se encontra. Algumas passagens encontram-se bastante degradadas, o que aumenta o grau de dificuldade e a perigosidade do próprio percurso. Além disso, o percurso apresenta alguns sinais de abandono, que se reflectem no estado de algumas placas informativas, assim como na existência de mato, que por vezes cobre o próprio trilho. Além disso, os valores culturais, que são de uma importância particular, começam a dar mostras do estado de abandono através da degradação em que se encontram, como é o caso da ponte da Candosa, assim como de um elevado número de moinhos.

Os problemas que se registam comprometem o valor real deste trilho, sobretudo no que diz respeito à deficiente sinalização e ao actual estado de conservação, que aumentam consideravelmente o seu grau de dificuldade. Por outro lado, regista-se também um aumento da vulnerabilidade, dado que não se encontra devidamente

preparado para receber um número muito elevado de participante. Neste contexto, há sempre que ter em consideração a capacidade de carga, limiar de utilização dos recursos naturais a partir do qual a utilização continuada dos recursos sujeita-os a sérios riscos de degradação irreversível (Partidário, 1999, p.54). Assim, considerando o estado actual, não será aconselhável que este trilho seja percorrido por um número elevado de pessoas, já que a capacidade de carga é reduzida.

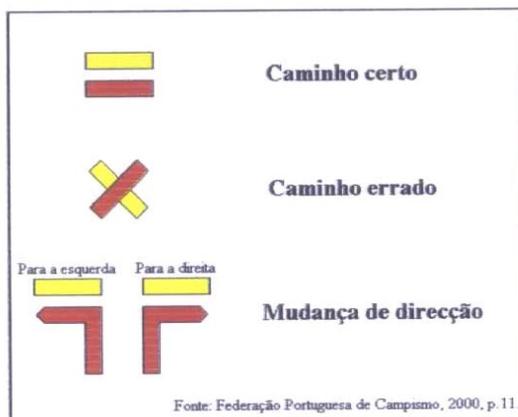
Urge intervir, a fim de colmatar os problemas que se registam, e explorar as potencialidades de forma a não comprometer a harmonia presente ao longo do percurso.

V. Requalificação do percurso pedestre

Dados os problemas que apresentamos relativamente às marcas actuais do trilho uma das nossas propostas vai no sentido de se implantar uma nova marcação, que respeite as normas da Federação Portuguesa de Campismo, entidade competente pela regulamentação e implantação de infra-estruturas destinadas ao pedestrianismo, assim como do registo e homologação dos percursos pedestres que respeitem os requisitos estabelecidos (F.P.C., 2000).

Sendo assim, com as marcas que propomos, pretende facilitar-se a sua visibilidade no terreno, neste caso, ao tratar-se de um percurso de pequena rota, visto não ultrapassar um dia de jornada, e não possuir mais de 30 Km, são utilizadas duas cores fortes, que facilitam a visibilidade do tipo de praticantes a que se destina (F.P.C., 2000).

As cores adoptadas são “vermelho sinal” e “amarelo ovo”, cores visíveis mesmo em condições de pouca luminosidade, como no crepúsculo, com nevoeiro, e mesmo durante a noite (F.P.C., 2000) - figura 3.



Para além das marcas de sinalização do próprio percurso, pode ainda recorrer-se à colocação de placas informativas, indicativas e painéis informativos.

Um dos mais notórios problemas associados ao estado actual do percurso é, como referimos anteriormente, o da sua falta de

Figura 3 - Marcas a implantar no percurso

limpeza. Com efeitos, como vimos, a não manutenção do trilho a esse nível, associada ao reduzido número de visitantes do mesmo, fez com que a vegetação envolvente do trilho crescesse livremente, resultando na cobertura total ou quase da maior parte dos carreiros que constituem o percurso.

Assim sendo, para além de dificultar a progressão dos pedestrianistas, pode esconder a sinalização existente, já de si pouco visível.

De igual modo, verifica-se que algumas partes do trilho se tornam perigosas, pois leva uma maior insegurança para os pedestrianista, ao não se detectar todas as irregularidades do percurso.

Nesse sentido propomos a limpeza periódica do percurso (pelo menos uma vez por ano e de preferência na Primavera, quando a vegetação herbácea e subarborescente envolvente do trilho começa a crescer mais rapidamente), de modo a que possa estar sempre acessível aos visitantes, que assim podem desfrutar, com melhor visibilidade, da paisagem envolvente do percurso, encurtando a duração do trajecto¹ e diminuindo a perigosidade a ele associada.

Quanto à segurança do percurso, propõe-se, para os pontos mais perigosos, como a subida junto à cascata da Candosa, a colocação de protecções (para apoio), como a que já existe num ponto do percurso (parte final), a qual se encontra bastante degradada, necessitando, por isso, da sua substituição. Convém, no entanto, que tais protecções, para além de robustas, sejam de madeira, não se constituindo como uma ameaça para a paisagem ou para o ambiente.

Por outro lado propõe-se também, para os locais mais perigosos, a implementação de placas informativas desse mesmo perigo, de forma visível e em linguagem simples, de modo aos pedestrianistas não serem apanhados desprevenidos por situações desagradáveis.

Considerando todos aspectos referidos, os pontos essenciais da requalificação do percurso “Moinhos do Ave” são os seguintes:

- ⌘ Circularidade do percurso, com um trajecto alternativo tendo sensivelmente a mesma distância do percurso “Moinhos do Ave”;
- ⌘ Sinalização adequada (segundo as normas) do percurso, quer do percurso original, quer do trajecto alternativo (neste, essencialmente no desvio entre a E.M. 526 e o caminho de terra batida);

¹ Com o trilho limpo, num ritmo normal e com as habituais paragens para fotografias, o tempo despendido no percurso é de cerca 2 horas. No estado actual do trilho, a duração do trajecto eleva-se para as cerca de 3 horas, mercê da difícil progressão provocada pela vegetação.

- ÿ Placas informativas de aspectos com especial interesse, ao nível natural (geologia, morfologia, altitude, cascatas e rápidos) e cultural (pontes, moinhos);
- ÿ Placas informativas de pontos de interesse fora do trilho, como por exemplo, a ponte romana de Lamedo;
- ÿ Placas informativas de possíveis situações de perigo (passagem sobre o rio, trilho com declive acentuado, carreteiro muito estreito, piso escorregadio);
- ÿ Placas informativas, em Agra e em Lamedo, da possibilidade do percurso, com cartografia e informações sobre o trajecto (duração, distância, perfil longitudinal, aspectos com especial interesse), com o natural destaque para o percurso original, que deve ser salientado;
- ÿ Placas informativas ao longo do percurso da distância percorrida (conveniente ser em cada quilómetro percorrido);
- ÿ Limpeza periódica do percurso (pelo menos uma vez em cada ano), não só do trilho, mas dos espaços envolventes e dos acessos a pontos do rio com especial interesse;
- ÿ Colocação de grades de segurança em locais perigosos (em madeira), assim como a renovação do material anteriormente instalado.

Outras propostas com interesse:

- ÿ Monitorização do percurso, tendo em conta a sua capacidade de carga, a nível ambiental, essencialmente no que diz respeito à erosão provocada nos carreteiros pela constante passagem dos pedestrianistas;
- ÿ Criação de um pequeno posto de informações (turísticas) na aldeia de Agra, que suportaria o interesse dos visitantes da aldeia, e o qual poderia dispor de informações acerca da aldeia e do percurso “Moinhos do Ave”;
- ÿ Divulgação do percurso através dos meios habituais (panfletos turísticos) ou do recurso a novas tecnologias de informação (Internet).

VI. Referências Bibliográficas

Cunha, L., Cravidão, F.D. (1997) – Notas para uma Geografia dos Desportos Radicais em Portugal, *III Congresso da Geografia Portuguesa*, Setembro de 1997, Porto, Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, 1999, pp.425-437;

Oliveira, E.R.S. (2000) – A importância do ordenamento dos percursos pedestres, Comunicação proferida nas *I Jornadas Nacionais – Pedestrianismo e Percursos Pedestres*, 8 e 9 de Abril de 2000, Vila Nova de Cerveira;

Soneiro, J. (1991) – “Aproximación a la Geografía del Turismo, Editorial Síntesis, Madrid;

Umbelino, J. (1997) – “Turismo em Espaço Rural: da utopia à realidade, *Turismo Horizontes Alternativos*, Actas do encontro realizado 5 e 6 Junho, Escola Superior de Portalegre, pp.175-188;